

ENTREVISTA / Arturo Porzecanski

"O próximo ano será melhor se o país definir uma agenda de desenvolvimento"

Correio Braziliense — Por que a inflação está sendo controlada? O que explica as previsões de analistas, como o senhor, que falam numa recessão mais branda?

Arturo Porzecanski — O país está em recessão desde meados do ano passado e ela está chegando ao fim. Abril será o mês da virada. O governo está fazendo mudanças na economia que têm boas chances de funcionar, como obter um superávit primário de 3,1% do PIB. A nação tem agora um câmbio competitivo, flexível, bom para estimular as exportações, inibir importações e saídas de capital. A combinação de medidas de austeridade fiscal com a atual taxa de câmbio tem grandes chances de dar certo.

Correio — Por que o Brasil, mesmo passando por fortes turbulências financeiras nos últimos dois meses, conseguiu baixar o dólar para R\$ 1,70, nível que, segundo o governo, seria alcançado em outubro?

Porzecanski — Esse sinal mostra que o país é vigoroso. Mesmo fazendo alterações com atraso elas podem dar certo. Há uma série de fatores positivos que tornarão a reviravolta mais rápida. O Banco Central desvalorizou a moeda quando ainda tinha US\$ 35 bilhões em reservas, o que evitou uma crise de insolvência das contas externas que poderia ter sido terrível. Os principais bancos e empresas estavam, de um modo geral, protegidos contra a alteração do câmbio. Essa precaução evitou grande aumento de falências de empresas, como ocorreu no México em 1995 e países asiáticos, como Indonésia e Coréia, no final de 1997.

Correio — O início dos novos mandatos do presidente e dos governadores colaborou com a melhoria do país?

Porzecanski — O ciclo político também trouxe uma influência positiva. No ano passado era muito difícil aguardar do governo federal e dos estados uma política da austeridade fiscal. O déficit público nominal (inclui gastos com juros) ficou em 8% do produto interno. Agora, o presidente Fernando Henrique Cardoso e os governadores têm um horizonte de quatro anos. Eles estão no início de seus mandatos, um bom momento para tomar decisões, inclusive as difíceis. No final do ano passado, o cenário era negativo porque havia o encontro de dois fatores: a expectativa da reeleição e a delicada situação econômica do país.

Correio — Quais são suas previsões para este ano?

Porzecanski — A economia crescerá menos, mas será uma queda entre 2% e 3%. A balança comercial terá um resultado positivo de US\$ 7 bilhões. O dólar chegará ao final do ano cotado em R\$ 1,70. Os juros vão continuar na rota de queda, especialmente se a inflação, o ajuste das contas públicas e a cotação do dólar estiverem sob controle. A taxa nominal, em dezembro, será de 20%, a real estará em 10%. O custo de vida não passará de 11%, 12%. O déficit das contas externas chegará a US\$ 17 bilhões. O desemprego não será maior que 9%, na média. O próximo ano será muito melhor, especialmente se o país definir uma agenda de desenvolvimento para os próximos quatro anos, baseada no controle dos gastos e em reformas que atuem nas áreas política, Previdência Social e tributária. Em 2000, o país deverá crescer entre 4% e 5%.